



MORTE NUCLEAR

Era 1945, Segunda Guerra Mundial. Fui convocado pelos Estados Unidos da América para uma operação supersecreta contra o Japão. É claro que eu aceitei. Apresentei-me e fui direto falar com o comandante da operação, o qual me explicou tudo. Confesso que, depois dessa conversa, pensei em desistir, mas meu nacionalismo falou mais alto; eu não conseguia pensar em outra coisa, e aquelas palavras frias ecoavam na minha cabeça: Ataque nuclear, o tão temido e desconhecido vilão do século XX, agora realmente aplicado para fins bélicos.

Foram nove meses de treinamento, todos estavam apreensivos com o ataque. E se desse tudo errado? Quais seriam as consequências? Na verdade, isso era o de menos. Se desse tudo certo, atingiríamos a maior honra que um soldado poderia atingir.

Havia chegado o grande dia: o avião decolou, meu coração batia forte, eu iria ser o último a tocar na bomba antes do ataque. A grande bomba, recheada de urânio e outros elementos radioativos, só esperava ser lançada no território japonês, cujo local específico, aliás, ainda não tinha sido determinado, pois tudo dependeria do vento, e de outras questões meteorológicas. No entanto, depois de muita discussão, Hiroxima foi a cidade escolhida.

Chamaram pelo meu nome. Eu sabia que havia chegado a hora. Fui para perto da bomba e não consegui não chorar. Na minha cabeça, a cena de várias pessoas morrendo e um caos total fazia com que eu me apressasse para acabar logo de uma vez com aquilo.

Tirei os pinos vermelhos que funcionavam como travas de segurança para evitar a explosão dentro do avião e troquei pelas verdes. Estava tudo pronto. Subi, e, de repente, soltamos a bomba.

Tantas coisas passaram na minha mente, mas evitei desabar. Não queria que os outros me vissem assim. Então, ela explodiu no ar, formando um grande cogumelo, devastando toda a cidade. Foi a coisa mais horrível que eu já tinha visto e, o pior, com a qual eu tinha colaborado.

Uma culpa do tamanho daquela explosão preencheu meu coração, e eu não via a hora de chegar em casa. Ao pisar em território americano, fui para casa, sentei no sofá, e, no rádio, não se falava de outra coisa. Enquanto todos estavam comemorando, eu estava chorando e sentia uma mistura de pena e dor.

Já não aguentava mais. Eu não deveria ter feito aquilo: tinha matado pessoas inocentes que eram a favor da paz. Eu não era digno de vida. Foi quando, por desonra, dei fim à minha vida.